

Interlocuções entre divulgação científica e educomunicação: o caso do projeto de extensão “UFU Ciência”

Felipe Gustavo Guimarães Saldanha
Ana Beatriz Camargo Tuma
Geovane Souza Melo Junior
Kleber Del Claro

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atualmente, possui sete *campi* distribuídos em quatro cidades mineiras, a saber: Uberlândia, Monte Carmelo, Patos de Minas e Ituiutaba. Mais especificamente, esta estrutura é composta por: trinta e três Unidades Acadêmicas, uma Escola de Educação Básica (ESE-BA), uma Escola Técnica de Saúde (ESTES), três fazendas universitárias, Hospital de Clínicas, Odontológico, Veterinário e do Câncer. Ademais, entre professores, alunos (graduação, pós-graduação e educação a distância) e técnicos-administrativos, a UFU possui uma comunidade acadêmica de, aproximadamente, 30 mil pessoas, que geram, anualmente, expressiva quantidade de conhecimento científico produzido desde pesquisas feitas no ensino fundamental até no âmbito do pós-doutorado¹.

1. Informações extraídas do vídeo produzido pela TV Universitária de Uberlândia (2018).

Para divulgar todo esse conhecimento científico à sociedade, a UFU possui, há muitos anos, a Diretoria de Comunicação Social (DIRCO) e a Fundação Rádio e TV Educativa de Uberlândia (RTU). Outrossim, em meados de 2017, visando somar forças com essas instâncias universitárias, a Diretoria de Pesquisa (DIRPE), vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP), instituiu o Núcleo de Divulgação Científica. Afinal, segundo Oliveira (2010), o ponto de partida para incentivar a divulgação de ciência e tecnologia (C&T) no Brasil, de maneira eficaz e contínua, perpassa pelos institutos de pesquisa, universidades, órgãos governamentais e a comunidade científica. Destarte, no processo básico de comunicação social, eles são os emissores das mensagens, uma vez que são os detentores das informações primárias.

Neste cenário, o Núcleo de Divulgação Científica tem como foco a veiculação de C&T por meio das mídias digitais e do audiovisual, atividades desenvolvidas por meio do seu projeto de extensão “UFU Ciência”. Para tanto, foram criados uma página no Facebook², seu principal meio de comunicação, um blog³ e um canal no YouTube⁴. Com relação aos recursos humanos deste projeto, até fevereiro de 2018 a equipe era composta por uma jornalista voluntária formada pela UFU e com Mestrado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um discente bolsista e três discentes voluntários do curso de Jornalismo da UFU, o diretor de Pesquisa e um servidor técnico-administrativo da DIRPE.

Tanto o “UFU Ciência” quanto o próprio Núcleo de Divulgação Científica não tiveram, em suas gêneses, uma proposta que aliasse a veiculação de C&T à educomunicação. Contudo, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia investe no ensino e na prática da educomunicação desde o primeiro ano da graduação – vide, por exemplo, a disciplina “Comunicação e Educação”, oferecida no 1º período. Assim, pode-se observar interlocuções entre práticas

2 <https://www.facebook.com/ufuciencia/>

3 <https://diretoriapesquisau.wixsite.com/ufuciencia>

4 https://www.youtube.com/channel/UC_FU2sLcJ7nic-elp78jw7w

educomunicativas e a divulgação de ciência e tecnologia em todo o processo de produção e veiculação dos vídeos voltados para a internet.

Neste artigo, apresentar-se-á quais são essas articulações no processo de produção e veiculação dos vídeos voltados, especialmente, para a rede social Facebook, no período compreendido de julho de 2017 a fevereiro de 2018. Além disso, nas próximas páginas, tratar-se-á dos conceitos de educomunicação e divulgação científica, do projeto de extensão “UFU Ciência” e de seus resultados.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E EDUCOMUNICAÇÃO

O que é divulgação científica e a percepção pública de C&T

Historicamente, ainda que a divulgação científica tenha começado em meados do século XV, com a invenção da imprensa de tipos móveis, a ciência brasileira só entrou na agenda do governo e da sociedade na década de 1940. No entanto, foi apenas com o surgimento, na década de 1980, das revistas *Ciência Hoje* (publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e *Ciência Ilustrada* (Editora Abril) que a divulgação e o jornalismo científico brasileiros desenvolveram-se de maneira considerável (OLIVEIRA, F., 2010).

Segundo uma definição mais tradicional, a divulgação científica pode ser entendida:

[...] como o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral. Nesse sentido, divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando a atingir um público mais amplo. (ALBAGLI, 1996, p. 397).

Já de acordo com Bueno (2010), a divulgação científica se refere à difusão de informações em ciência e tecnologia, tendo a função primordial de democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a alfabetização científica. Por esta última expressão, entende-se abrir espaço para a aproximação e o diálogo entre os que produzem ciência e tecnologia, de um lado, e o cidadão comum, de outro, assim como convocar pessoas para amplos debates a respeito da relação entre a ciência e a sociedade, a democracia e o mercado.

Tal divulgação contribui, portanto, para incluir os cidadãos no debate sobre assuntos especializados e que podem ter impacto em suas vidas e trabalhos.

Podem ser elencadas algumas razões, de acordo com Ivanissevich (2005), para justificar maior investimento na divulgação científica pelos governos e maior envolvimento dos cientistas com a popularização da ciência. Em primeiro lugar, acredita-se que uma população alfabetizada em ciência seria essencial para formar uma força de trabalho mais bem treinada e especializada, resultando em maior prosperidade para o país. Além disso, um melhor entendimento da ciência teria também repercussões diretas no cotidiano das pessoas, como, por exemplo, um maior cuidado com a própria saúde. Por último, a compreensão de aspectos tecnocientíficos permitiria aos indivíduos tomar decisões mais apropriadas sobre questões polêmicas, o que tornaria o debate mais democrático.

Junto a essas razões, pode-se considerar, segundo pesquisa realizada em 2015 sobre a percepção pública da C&T (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2017), que é grande o interesse que os brasileiros afirmam ter por ciência e tecnologia. A maior parte dos entrevistados (61%) se declara interessada (35%) ou muito interessada (26%) pelo tema. Somado a isso, 44% deles concordam totalmente que, se bem explicado, são capazes de entender o conhecimento científico e 47% que a população deve ser ouvida nas grandes decisões sobre os rumos da ciência e da tecnologia.

Apesar desse grande interesse e de uma visão positiva sobre o tema, de acordo com a pesquisa mencionada, os brasileiros têm uma escassa apropriação da informação científica e tecnológica e conhecem pouco a história da ciência e tecnologia do país. Essa constatação pode ser demonstrada pelo fato de que somente 13% dos entrevistados se lembram do nome de alguma instituição que faça pesquisa no Brasil e 93% deles não se recordam do nome de um cientista importante do país. Os cientistas cuja exposição midiática é maior são os mais lembrados, como o neurologista Miguel Nicolelis.

Sobre a imagem que os entrevistados da pesquisa em questão têm dos cientistas, tem-se que: são pessoas inteligentes que realizam coisas úteis para a humanidade (50%); têm características positivas (74%); e servem a interesses

econômicos, se interessam por temas distantes da realidade da sociedade ou são “excêntricos de fala complicada” (22%). Por fim, é importante levar em conta que, quando acessam informações sobre o campo da Ciência & Tecnologia, a população em geral utiliza como fontes, principalmente, sites de instituições de pesquisa (42,4%), sites de jornais ou revistas (39,5%), Facebook (28,1%), Wikipedia (14,3%) e blogs (14%).

Em busca de uma “educomunicação científica”

A educomunicação pode ser entendida como um campo de intervenção social autônomo, que emerge especialmente dos movimentos sociais de comunicação popular, e se constitui em um paradigma orientador de ações voltadas para a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos, participativos e dialógicos em espaços educativos, mediante uma gestão democrática das tecnologias da informação e comunicação e tendo como meta a prática plena da cidadania. As ações educacionais podem ser agrupadas em áreas de intervenção, de acordo com as suas características (SOARES, 1999; 2011a; 2011b).

Os pontos de contato entre a educomunicação e a divulgação científica já são objeto de investigação acadêmica há mais de uma década. A título de exemplo, Miranda (2007) propõe uma metodologia de elaboração de “Jornal Escolar de Ciências”, com matérias sobre ciência e tecnologia redigidas por alunos do Ensino Médio, propiciando a reflexão crítica sobre o funcionamento da mídia e dos processos científicos e incentivando os jovens a se tornarem protagonistas e produtores de informação. Por sua vez, Vânia Oliveira (2010) analisa oficinas de produção de vídeos com música amazônica, feitas por professores e alunos do Ensino Médio, baseada em relatórios de pesquisas florestais da Embrapa Rondônia, bem como o seu uso didático posterior em sala de aula, com o propósito de colocar em discussão o papel da ciência e da sociedade e de popularizar o conhecimento gerado pelos cientistas. Tal proposta se insere no que a autora classifica como “educomunicação científica”. Contudo, percebe-se que a proposta relatada não envolve os sujeitos na gestão democrática das atividades, utilizando metodologias e recursos estabelecidos *a priori*, numa perspectiva que estaria mais ligada a “conscientização” e “capacitação”.

Alguns anos mais tarde, o termo “educomunicação científica” seria novamente utilizado por Nápolis, Façanha e Luz (2016) para qualificar uma série de programas de rádio semanais de divulgação científica, veiculados (por radiodifusão convencional e pela internet) em emissora ligada à Universidade Federal do Piauí (UFPI) também com o propósito de difundir ciência, tecnologia e inovação à sociedade. Jornalistas em formação e pesquisadores do curso de Ciências da Natureza mediaram discussões com entrevistados internos e externos à comunidade acadêmica e buscaram envolver os ouvintes na sugestão de pautas e na participação direta na programação por meio de linha telefônica aberta e acesso às redes sociais. Ainda assim, percebe-se que, neste projeto, grande parte do controle sobre a informação recai sobre o jornalismo científico, cabendo aos demais envolvidos um papel mais de colaboradores que de protagonistas.

Finalmente, Morita (2017) apresenta o caso da Rede de Divulgação Científica (RDC), fruto de parceria entre as três instituições públicas de ensino superior de Mato Grosso: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e Instituto Tecnológico Federal de Mato Grosso (IFMT). A produção científica delas é integrada em um único site, no qual são veiculados conteúdos redigidos em linguagem jornalística e mais acessível, com tradução dos termos técnicos. No âmbito da educomunicação, o principal diferencial do projeto é a preocupação em facilitar o diálogo entre academia e sociedade ao disponibilizar, junto aos textos, o contato direto do cientista, que assim “proporciona, para o pesquisador, um feedback, uma análise da recepção e percepção de seus trabalhos, podendo contribuir para futuras pesquisas. E, para o leitor, é possível o aprofundamento, questionamento e debate com um especialista” (MORITA, 2017, p. 335). Novamente, entretanto, nota-se que o jornalismo científico tem a “palavra final”. O autor também manifesta sua expectativa em que a RDC seja fonte de pesquisa para promoção de discussões dentro das salas de aula da educação básica, embora isto seja colocado apenas no campo das possibilidades.

À luz dos referenciais práticos apresentados como pioneiros no caminho da construção de uma “educomunicação científica” de fato, ou de uma divulgação científica essencialmente educacional, é possível vislumbrar que a proposta de vídeos para a internet do “UFU Ciência” também se filia a este caminho e

contribui com alguns avanços, não só em função dos seus produtos finais, mas, especialmente, devido à forma como seu processo de produção foi idealizado e implementado. Antes de elaborar este raciocínio, é necessário proceder à contextualização e descrição do projeto.

“UFU CIÊNCIA”: PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO DOS VÍDEOS

Em primeiro lugar, é importante sublinhar que um dos princípios do “UFU Ciência” é levar em conta que o conhecimento, a ciência e a tecnologia são construídos por todos os atores da comunidade acadêmica, isto é, desde os alunos de graduação e pós-graduação, passando pelos trabalhadores técnico-administrativos até os professores. Dessa maneira, todos eles são tratados como pesquisadores, cientistas. Além disso, as pesquisas divulgadas fazem parte de um espectro que contempla todas as áreas do conhecimento, ou seja: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências da Saúde; Engenharias; Letras, Linguística e Artes; Ciências Humanas; e Ciências Biológicas. A equipe do projeto de extensão reúne-se com determinada frequência para, dentre outras questões, discutir quais pesquisas produzidas na universidade serão divulgadas para seu público-alvo: a sociedade em geral. Assim, são escolhidas as pautas que serão desenvolvidas pela equipe de Jornalismo, considerando-se fatores como proximidade geográfica e impacto social dos temas das pesquisas que serão abordadas nos vídeos.

Feito isso, são marcadas pré-entrevistas com os cientistas para entender melhor as pesquisas e explicar como funcionam as gravações, já que a maioria deles nunca teve contato com a divulgação científica e nem deu entrevista para o meio audiovisual. O que se ressalta nas pré-entrevistas e, posteriormente, nas entrevistas, é a importância de os pesquisadores “traduzirem” o linguajar técnico da área de conhecimento a que pertencem para um mais popular, uma vez que:

O público leigo, em geral, não é alfabetizado cientificamente e, portanto, vê como ruído – o que compromete drasticamente o processo de compreensão da C&T – qualquer termo técnico ou mesmo se enreda em conceitos que implicam alguma complexidade. [...] a

difusão de informações científicas e tecnológicas para este público obrigatoriamente requer decodificação ou recodificação do discurso especializado, com a utilização de recursos (metáforas, ilustrações ou infográficos, etc.) [...] (BUENO, 2010, p. 3).

Na fase de entrevistas, além das falas dos cientistas, é filmado o maior número de imagens possível sobre as pesquisas para ajudar a ilustrar o assunto abordado. Dependendo da complexidade do tema, as entrevistas têm duração de 30 minutos a duas horas, já que tudo o que é explicado deve ser feito de forma clara e simples. Na edição, junta-se as falas dos pesquisadores com várias imagens em vídeos de cerca de três minutos, o que estimula o consumo completo deles pelos internautas.

Editado o vídeo, ele é veiculado nas mídias digitais do “UFU Ciência” sempre acompanhado de um texto explicativo e, na maioria das vezes, de legenda em inglês e português, visando seu maior alcance. Na figura 1, há um exemplo de vídeo divulgado no Facebook:



Figura 1 - Vermes que matam seringueiras (Fonte: UFU Ciência (2017))

O vídeo em questão trata do verme *Meloidogyne exigua*, que tem afetado o desenvolvimento das raízes das seringueiras (principais fontes de extração de látex para produção de borrachas) e, conseqüentemente, matado-as. Quem

explica o assunto é o prof. Lísias Coelho, do Instituto de Ciências Agrárias da UFU, que, nos últimos dez anos, tem acompanhado o desenvolvimento das seringueiras na região do Triângulo Mineiro e estudado formas de controlar esse verme para fazer com que elas vivam seu ciclo natural de produção de látex (mais de 30 anos). A forma mais eficiente de controle é não introduzir o verme na propriedade, mas, uma vez que ele foi introduzido com as mudas de seringueiras, os três métodos que estão sendo testados são: as plantas antagonistas; o controle químico; e os agentes biológicos.

A EDUCOMUNICAÇÃO NO PROJETO DE EXTENSÃO

Embora o “UFU Ciência” não tenha sido concebido intencionalmente com base nos referenciais teóricos da educomunicação, como já foi exposto, é possível perceber seu compromisso em fomentar o desenvolvimento de um ecossistema comunicativo dialógico, que envolve a comunidade acadêmica e a população em geral. Isso se torna mais claro quando se tenta classificar suas ações dentro das áreas de intervenção da educomunicação, o que será feito a seguir. A área em que o “UFU Ciência” melhor se enquadra, quiçá, seja a da “produção midiática para a educação”, entendida “como meta estabelecida pelos meios de comunicação, especialmente os identificados como culturais e educativos, no sentido de dialogar com seus respectivos públicos, prestando serviços que colaborem para o conhecimento e a prática da cidadania” (SOARES, 2013, p. 187). Ao difundir a ciência para o público leigo por meio das redes sociais, tornando o conhecimento especializado mais acessível tanto em termos de linguagem como de canal, e, principalmente, ao fazê-lo em nome de uma instituição de ensino pública, o projeto transparece seu compromisso com a democratização do saber acadêmico.

Exemplo disso pode ser o próprio vídeo da seção anterior em que se apresenta o nematoide *Meloidogyne exigua* como verme para a sociedade em geral. Se a equipe de Jornalismo não tivesse incentivado o prof. Lísias Coelho a traduzir o termo nematoide para verme, certamente poucas pessoas teriam entendido o que ele significa e, conseqüentemente, a essência do conteúdo veiculado.

Em certo aspecto, o “UFU Ciência” também se aproxima das áreas da “educação para a comunicação” e da “mediação tecnológica na educação”, uma vez que busca, junto aos cientistas, levar à ponderação sobre o papel da mídia e das tecnologias da informação e comunicação na popularização científica. Dessa forma, suscita a reflexão sobre as possibilidades de expressão individual ou coletiva no estabelecimento de diálogos com a comunidade externa, tendo a mediação seja de veículos jornalísticos, seja das redes sociais.

Tal possibilidade pode ser ilustrada pela constatação dos envolvidos no projeto de extensão de que, em seu início, a maioria dos cientistas tinha receio de expor suas pesquisas em vídeos de divulgação científica, pois acreditava que não seria capaz de fazê-la e que a sociedade em geral não entenderia. Com o trabalho desenvolvido pela equipe de Jornalismo do “UFU Ciência” – que, com paciência, mostrou que é possível fazer isso e suas maneiras de realizá-la (exemplo: linguajar acessível) –, os pesquisadores perceberam não só que são capazes de se comunicarem com a população, como também o fato de ela querer se comunicar com eles por meio de comentários no Facebook. Alguns deles, inclusive, afirmaram querer gravar novamente, em outra oportunidade, para divulgar suas outras pesquisas para a sociedade.

Finalmente, pode-se inferir ainda que o “UFU Ciência” se aproxima da área “gestão da comunicação nos espaços educativos”, voltada para o planejamento, implementação e avaliação das ações das demais áreas. Um dos papéis do gestor educacional é o de “inserir-se numa comunidade, colocando seu saber tecnológico à disposição da população, para que ela pratique uma comunicação mediatizada por veículos de mídia ou de alcance comunitário (o comunicador como assessor de movimento popular)” (SOARES, 2009, p. 36), como bem o faz a equipe do projeto de extensão.

Neste sentido, se for traçado um paralelo entre população/movimento popular e comunidade acadêmica/universidade, nota-se que o processo de produção do “UFU Ciência” contribuiu para educar alunos, professores e servidores técnico-administrativos quanto à importância de difundir o conhecimento produzido intramuros e instrumentalizá-los em termos de técnicas e posturas para tal. Sendo assim, os vídeos e o Núcleo de Divulgação Científica da UFU teriam o

potencial de inspirar o desenvolvimento de uma cultura de divulgação científica dentro da instituição, apoiada por políticas institucionais, mas concretizada pelos próprios discentes e servidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um projeto relativamente novo, com apenas um ano de funcionamento, o “UFU Ciência” já colhe frutos do trabalho que desenvolve. Em maio de 2018, a página do projeto no Facebook contava com, aproximadamente, quatro mil seguidores. As postagens feitas somam centenas de curtidas, compartilhamentos e comentários, além de milhares de visualizações. Alguns vídeos publicados, sozinhos, chegam a mais de vinte mil visualizações – este é o número de habitantes de muitas cidades interioranas do estado de Minas Gerais. Portanto, em tão pouco tempo, o projeto já alcançou considerável comunidade de pessoas.

A título de exemplo, pode-se citar o vídeo divulgado no Facebook sobre o tema “projeto e fabricação de próteses a baixo custo”, que obteve 21 mil visualizações, 271 curtidas e 448 compartilhamentos. Até maio de 2018, este era o vídeo com maior número de visualizações do “UFU Ciência”.

Neste material audiovisual, o prof. Edgard Lamounier, da Faculdade de Engenharia Elétrica da UFU, e sua equipe interdisciplinar, desenvolvem pesquisa com a temática mencionada a fim de ajudar indivíduos que sofreram amputação nos membros superiores. Na primeira fase do estudo, há o projeto da prótese propriamente dita feito por meio de ferramentas computacionais para modelá-la em 3D. Na segunda etapa, a prótese projetada no computador é levada para um ambiente de realidade virtual, tridimensional, onde o futuro paciente treina a usá-la. Na fase seguinte, há a impressão na impressora 3D. A etapa final da pesquisa, é a utilização da prótese fabricada pelo paciente, mas ela está ainda em andamento porque se aguarda a autorização do Comitê de Ética. É importante observar que o vídeo aborda um assunto de utilidade pública, de significativo interesse social, pois envolve menos gastos para um “tratamento de saúde”.

Ademais, o “UFU Ciência” foi finalista na categoria “Audiovisual – Profissional” e ganhou na categoria “Proposta Empreendedora” o Prêmio Regional de Jorna-

lismo Orlei Moreira, realizado em 2017 pelo curso de Jornalismo da UFU, e já foi apresentado nos eventos científicos I Comunica Ciência, na própria UFU, e 5º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 5), na Unicamp.

Assim sendo, a partir das discussões realizadas ao longo destas páginas e dos números apresentados, torna-se claro que o objetivo maior desta iniciativa está sendo alcançado com êxito, isto é, tem-se conseguido abrir o diálogo entre os cientistas da Universidade Federal de Uberlândia e a população em geral.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 25, n. 3, dec. 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1 esp, pp. 1-12, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585/6761>>. Acesso em: 12 maio 2018.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros: Percepção pública da C&T no Brasil 2015**. 2017. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/percepcao_web.pdf>. Acesso em: 12 maio 2018.

IVANISSEVICH, Alicia. A mídia como intérprete: Como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005, pp. 13-30.

MIRANDA, Amanda Souza de. **Divulgação da ciência e educomunicação: contribuições do jornal escolar para a alfabetização científica**. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MORITA, Daniel M. Educomunicação pela pesquisa e divulgação científica. In: MOREIRA, Benedito Dielcio; SILVA, André Chaves de Melo Silva (orgs.). **Divulgação científica: debates, pesquisas e experiências**. Cuiabá: EdUFMT, 2017, pp. 326-338.

NÁPOLIS, Patrícia Maria Martins; FAÇANHA, Alessandro Augusto Barros; LUZ, Jociara Pinheiro. Educomunicação científica: rádio, jornalismo e popularização das ciências na construção da cidadania. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 21, n. 2, pp. 27-38, dez. 2016.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos de. **Uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental**: produção e interpretação de videoclipes por alunos da Escola Marcelo Cândia, Porto Velho-RO. 2010. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Faculdade Interamericana de Porto Velho, Porto Velho, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, n. 2, pp. 19-74, jan./mar. 1999.

_____. Planejamento de Projetos de Gestão Comunicativa. In: COSTA, Maria Cristina. **Gestão da Comunicação**: projetos de intervenção. São Paulo: Paulinas, 2009, pp. 27-54.

_____. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011a. (Coleção Educomunicação.)

_____. Educomunicação e Terceiro Entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero. In: MELO, José Marques de (org.). **Pensamento comunicacional uspiano**: impasses mundializadores da Escola de Comunicações e Artes (1973-2011): volume 2. São Paulo: ECA/USP / SOCICOM, 2011b.

_____. Educomunicação e as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: LIMA, João Cláudio Garcia Rodrigues; MELO, José Marques de (orgs.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil - 2012/2013**. Volume 4 - Memória. Brasília: IPEA, 2013, pp. 169-202.

UFU CIÊNCIA. **Manejo descendente da seringueira no Triângulo Mineiro**. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ufuciencia/videos/1344205565696547/>>. Acesso em 11 abr. 2018.

TV UNIVERSITÁRIA DE UBERLÂNDIA. **Institucional UFU**: Possibilidades, histórias e conquistas. 9 maio 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AL_oVHHPR3A>. Acesso em: 14 maio 2018.

Sobre os autores

Felipe Gustavo Guimarães Saldanha

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista (MBA) em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela UFU. Consultor de comunicação e marketing, designer gráfico e desenvolvedor web. Foi professor substituto do curso de Jorna-

lismo da UFU (2016-2017). Voluntário da Organização para a Proteção Ambiental (OPA) e um dos idealizadores do Projeto Jogo Limpo, de Educação Socioambiental. Afiliado à Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). Mora em São Paulo/SP. E-mail: fgsaldanha@gmail.com

Ana Beatriz Camargo Tuma

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). Mestra em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp). Especialista em Comunicação Empresarial pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É consultora nas áreas de comunicação digital e empresarial. Foi editora-geral de jornalismo, de forma voluntária, no projeto de extensão “UFU Ciência” da Diretoria de Pesquisa da UFU. Mora em São Paulo/SP. E-mail: anabeatriztuma@gmail.com

Geovane Souza Melo Junior

Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Gestão Pública de Organizações de Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Graduação, em andamento, em Letras - Licenciatura Plena em Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é Técnico Administrativo, lotado na Diretoria de Pesquisa, da Universidade Federal de Uberlândia. Mora em Uberlândia/MG. E-mail: geovane.melo@ufu.br

Kleber Del Claro

Professor titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Pesquisador 1A do CNPq. Doutor em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Ecologia pela Unicamp. Graduado em Ciências Biológicas também pela Unicamp. Atua em divulgação científica nos projetos “A ciência que nós fazemos” e “UFU Ciência”. Atualmente é Diretor de Pesquisa da UFU. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ecologia da UFU (2003/2007). Preside comissão internacional que elabora enciclopédia para a Unesco (EOLSS). Membro do corpo editorial da Neotropical Entomology (desde 2004) - Sociedade Entomológica do Brasil. Presidente da Sociedade Brasileira de Etologia (SBEt) (1998/2000 e 2006/2008). Professor no curso de Pós-graduação em Entomologia da Universidade de São Paulo (USP) e Zoologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mora em Uberlândia/MG. E-mail: delclaro@ufu.br